VI CONBALF
ALFABETIZAÇÃO E DEMOCRACIA: DIREITO À LEITURA E À ESCRITA

CONGRESSO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO
ISSN 2763-8588

ALFABETIZAR EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19: os desafios enfrentados pelas professoras de uma escola do campo do RS

Verônica Amorim Saraiva[1]

10. Alfabetização e Pandemia: desafios, aprendizados e perspectiva

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo identificar e compreender os desafios enfrentados por duas alfabetizadoras que atuaram, no ano de 2020, em uma escola do campo localizada no município de Santa Vitória do Palmar (RS), no contexto do ensino remoto emergencial (ERE), em decorrência da pandemia da Covid-19. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa em que a produção de dados[2] ocorreu por meio da realização de três encontros de grupos focais via plataforma *Google Meet* com alfabetizadoras. As análises evidenciam que, na concepção das alfabetizadoras, o principal desafio enfrentado foi o acompanhamento do processo de alfabetização das crianças de forma remota, consequentemente, planejar e avaliar sem a presencialidade. Ademais, mesmo que as professoras tenham se utilizado de diversas estratégias para que pudessem minimamente acompanhar seus alunos, estas não se mostraram suficientes para conhecer verdadeiramente o processo de alfabetização das crianças, dificultando tanto a avaliação quanto os encaminhamentos do planejamento.

Palavras-chaves: Alfabetização; Ensino Remoto Emergencial; Desafios.

Introdução

No ano de 2020 o mundo inteiro foi acometido por uma pandemia em decorrência da Covid-19. Inúmeras medidas sanitárias foram adotadas para conter a propagação da doença, sendo uma delas o distanciamento social. Esta medida impactou diretamente a educação, pois acarretou no fechamento das instituições de ensino em todo país e o estabelecimento do

[1]Mestranda em Educação pela FURG. Professora da Educação Básica do Estado do Rio Grande do Sul. Contato: veronicasjn@yahoo.com.br

[2] Os dados fazem parte de um recorte de pesquisa de mestrado em andamento, além disso, o material empírico também integra um conjunto de dados produzidos a partir da pesquisa nacional Alfabetização em Rede (ALFAREDE).

Ensino Remoto Emergencial (ERE)[3].

Desde então, as relações de ensino e de aprendizagem entre professores e alunos, que decorreram do ERE, se constituíram por várias dinâmicas, envolvendo desde o uso de tecnologias digitais até a entrega de materiais impressos com atividades para as famílias que não possuíam acesso à *internet*. Dessa forma, foram inúmeras as dificuldades enfrentadas pelos professores na tarefa de dar continuidade ao processo de escolarização como, por exemplo, a falta de acesso à *internet*, de dispositivos tecnológicos, a distância física dos alunos, entre outros (MACEDO, 2022).

No que tange à alfabetização, pode-se dizer que esses desafios se ampliam consideravelmente na medida em que no ERE as professoras alfabetizadoras[4] ficaram impossibilitadas de interagir diretamente com seus alunos, necessitando contar com a colaboração das famílias para auxiliá-los na realização das atividades e no manuseio dos instrumentos tecnológicos (FERREIRA; BARBOSA, 2020). Sendo a alfabetização um processo complexo, que envolve o conhecimento do sistema alfabético de escrita, seus usos sociais e a mediação constante da professora (SOARES, 2020), dificilmente pode ser conduzido por uma pessoa sem formação necessária para desempenhar tal função.

Diante desse cenário é que se considera importante investigar os desafios evidenciados por duas alfabetizadoras de uma escola do campo no município de Santa Vitória do Palmar (RS).

Para tanto, a investigação proposta se baseia nos pressupostos da abordagem qualitativa, visto que esta permite ao investigador a compreensão dos fenômenos em toda sua complexidade a partir da perspectiva dos sujeitos investigados (BOGDAN; BIKLEN, 1994). O instrumento de produção de dados foi o grupo focal (GATTI, 2005), e os dados foram coletados no ano de 2020 pelo GEALI[5], em consonância com as ações da pesquisa nacional ALFAREDE[6]. Dessa forma, foram realizados três encontros de grupos focais, no mês de novembro de 2020, com duração de aproximadamente 1h cada. As transcrições dos encontros foram realizadas por mim e totalizam 48 páginas, as quais compõem o material

[3] Modalidade de ensino que pressupõe distanciamento físico entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem em momentos de emergência, podendo ou não ser mediado pelas tecnologias digitais.

[4] Utiliza-se o termo “professoras alfabetizadoras” ao longo do texto, pois a maioria dos docentes que trabalham em turmas de alfabetização são do gênero feminino.

[5] Grupo de Estudo e Pesquisa em Alfabetização e Letramento da FURG, o qual integro como pesquisadora desde 2021. Para maiores informações acessar o site https://geali.furg.br/.

[6] A pesquisa nacional Alfabetização em Rede foi composta, no ano de 2020, por um coletivo de pesquisadores vinculados a 29 instituições de ensino superior do Brasil, que teve como um dos objetivos, em sua primeira fase, conhecer e compreender de forma aprofundada a situação da alfabetização de crianças no Brasil durante a pandemia da Covid-19. Até o momento, esta pesquisa segue em andamento na sua segunda fase, com o objetivo de compreender a alfabetização das crianças no pós-pandemia.

empírico analisado. Especificamente neste texto, serão apresentados os dados que fazem relação aos desafios enfrentados por 02 professoras participantes do grupo focal, que atuaram, em 2020, em turmas de 1º e 2º ano em uma escola do campo, localizada no município de Santa Vitória do Palmar (RS). As alfabetizadoras investigadas serão identificadas como P1 (professora do 1º ano) e P2 (professora do 2º ano).

Diante do exposto, ressalta-se que na primeira seção deste texto serão apresentados os conceitos sobre alfabetização que subsidiaram a análise dos dados. Na segunda seção, serão expostos os desafios evidenciados pelas professoras, bem como a articulação destes com o embasamento teórico. Por fim, na terceira seção, serão tecidas as considerações finais.

2 Alfabetização: aspectos conceituais

No que diz respeito à alfabetização, Soares (2020, p. 11) ressalta que esta é a "[...] aprendizagem de um sistema de representação em que signos (grafemas) representam [...] os sons da fala (os fonemas)". No entanto, a mesma autora indica que ensinar o sistema alfabético às crianças é fundamental, mas não suficiente, é necessário que se alfabetize em contexto de letramento, ou seja, compreender os usos sociais da leitura e da escrita. Esses dois processos, alfabetização e letramento, embora sejam distintos, são indissociáveis e complementares. O que se caracteriza por alfabetizar letrando, isto é, "Alfaletrar", nas palavras da autora, "[...] aprender o sistema alfabético de escrita e, contemporaneamente, conhecer seus usos sociais: ler, interpretar e produzir textos. Não apenas alfabetizar, mas alfabetizar e letrar [...]" (SOARES, 2020, p. 12).

Nesta concepção, o foco do trabalho pedagógico precisa ser colocado na aprendizagem "[...] para a partir dela definir o ensino, conhecer e acompanhar o desenvolvimento linguístico e cognitivo das crianças, dos 4 aos 8 anos, com atenção permanente ao que elas já sabem e ao que são capazes de aprender" (SOARES. 2020, p. 12-13). Portanto, ao compreender o processo de aquisição da língua escrita na perspectiva do "Alfaletrar" a alfabetizadora necessita de conhecimentos linguísticos e pedagógicos que atendam as especificidades desse processo e, consequentemente, acompanhar os trajetos de aprendizagens de seus alunos. Ressalta-se que acompanhar é entendido pela autora como o ato de estar junto à criança em seu processo de aprendizagem (SOARES, 2020).

Desse modo, é fundamental que o processo de alfabetização e letramento seja acompanhado diariamente pela professora, visto que é parte essencial do fazer pedagógico pois auxilia na condução das intervenções necessárias para que as crianças avancem em seus conhecimentos referentes à língua escrita.

Sendo assim, a interação entre as professoras e seus alunos no processo de alfabetização é elemento essencial. De acordo com Soares (2020, p. 41), o processo de alfabetização [...] inclui a criança que aprende um objeto de conhecimento – a língua escrita – e aquele que com ela interage para que ela se aproprie desse objeto". Nessa perspectiva, cabe ao professor por meio de seus conhecimentos sobre o processo de alfabetização, conhecer o nível de desenvolvimento cognitivo e linguístico da criança, e oriente-a para que avance em suas aprendizagens em relação à língua escrita. Para tanto, necessita da interação diária com seu aluno, acompanhando e orientando intencionalmente cada etapa desse processo.

Diante do exposto, compreende-se que "Alfaletrar" no contexto do ERE não foi tarefa fácil às professoras alfabetizadoras por conta do distanciamento físico de seus alunos e da impossibilidade de interação entre as docentes e as crianças.

Assim sendo, na próxima seção serão apresentados os desafios enfrentados pelas professoras investigadas na tarefa de alfabetizar à distância no ERE.

3 Alfabetizar em tempos de pandemia: desafios do ERE

De início, destaca-se uma recorrência nas falas das alfabetizadoras no que diz respeito à necessidade de interação com seus alunos, uma vez que a consideram um elemento fundamental para o acompanhamento dos processos de aprendizagens das crianças. Assim, percebe-se, que os principais desafios enfrentados, na concepção das professoras, ocorreram em virtude da falta de interação. Ou seja, as alfabetizadoras indicam três movimentos como seus principais desafios: acompanhar, avaliar e planejar para a alfabetização no ensino remoto.

No que diz respeito ao acompanhamento das aprendizagens dos alunos, as professoras destacaram que, por ser uma escola do campo, a maior parte das crianças moram no interior e, por isso, elas têm dificuldade de acesso à *internet*, contando apenas com os dados móveis dos celulares das famílias, e que mesmo assim, nem sempre era viável sua utilização. Isso impossibilitou às professoras uma interação síncrona com seus alunos e, consequentemente, o acompanhamento da aprendizagem. Para Ferreira (2021, p. 3), o ERE remoto no Brasil "Desconsiderou a enorme diversidade de contextos das escolas brasileiras. [...] o hiato entre pública/privada, urbana/rural, bem como, a diversidade que compõe os diferentes cenários das escolas do campo". O que pode ser observado nas falas das professoras nos excertos que seguem:

P1: Na nossa escola, por ser do campo, demorou muito assim, pra interagir com os alunos.
P2: [...] por ser rural, nós não tínhamos como mandar *WhatsApp* porque não alcançávamos a todos, né? Nem todos têm *internet* em casa.

Considerando as dificuldades de interação síncrona, a orientação da escola de Santa Vitória do Palmar foi que as professoras utilizassem material impresso. No entanto, as professoras destacam que a dinâmica de entrega e de devolutiva desse material acontecia a cada quinze dias. Dessa maneira, as professoras consideraram difícil acompanhar as aprendizagens das crianças por este material, tanto em virtude do intervalo de tempo que levavam para acessar o material quanto pelo fato de não estarem presencialmente com os alunos no momento da realização destas atividades, como mencionam as alfabetizadoras.

P1: O difícil é a volta das atividades porque daí volta completo e a gente não tem noção, [...]não tenho noção do quanto eles tão com dificuldade ou não para resolver as atividades porque eu envio impresso e eles levam praticamente um mês pra voltar pra mim, [...] os pais ajudam, né? Na escrita, na resposta, desenvolve a resposta. Daí os pais copiam, e eles copiam dos pais.
P2: Os pais fizeram muitas coisas pra eles, tipo assim, vou fazer duma vez pra eles pra me livrar.

Ainda no intuito de poder acompanhar de alguma forma o processo de alfabetização dos alunos, as professoras criaram outras estratégias. Relatam que, quando possível, pediam às famílias fotos das crianças realizando as atividades, vídeos ou áudios das crianças lendo e escrevendo. Contudo, as estratégias utilizadas, de acordo com as professoras, não foram suficientes para acompanhar seus alunos à distância.

Nessa perspectiva, ressalta-se, de acordo com Soares (2020), que o acompanhamento da aprendizagem das crianças por parte das professoras é o que permite a elas realizar os diagnósticos ao longo do processo de ensino e de aprendizagem, ou seja, são parte da ação docente.

Partindo dessa concepção, pode-se perceber, por meio das falas apresentadas a seguir, que as alfabetizadoras salientam a necessidade de fazer diagnósticos para saber em que nível do processo de alfabetização se encontram as crianças, para assim poder planejar as intervenções necessárias aos avanços da aprendizagem.

P2: Como é que tu vai fazer um ditado diagnóstico? [...] eu me baseio muito assim na alfabetização, no momento em que eu faço o ditado aquele, diagnóstico, aquele ditado que todos participam, aí tu né, vê mesmo se eles tão, o nível que eles estão. Eu não consigo, eu tentei fazer um ditado, mas eu não sei muito bem. Eu fiz ditado com eles, [...], eu tenho que fazer o ditado, tive que arrumar uma forma [...] fui ver as crianças todas acertaram e isso é decepcionante porque tu sabe que as crianças não vão acertar todas as palavras, [...] a gente nem tem como saber se é eles que realmente fizeram.

Percebe-se, que mesmo com todo esforço das professoras em fazer os diagnósticos no ERE, elas se deparam com o desafio de não saber ao certo o nível de aprendizagem das crianças relativo à alfabetização, pois com a falta de interação e a mediação das famílias, não confiam nos diagnósticos feitos. Assim, relatam não saber ao certo se foram as crianças que realizaram a atividade proposta por elas. Sobre isso, Piccoli, Sperrhake e Andrade (2021, p. 6) indicam que a presença dos "[...] pais auxiliando em demasia ou fazendo as atividades pelos filhos - é muito relevante na avaliação, uma vez que torna os dados operados não confiáveis".

Na mesma direção, com dificuldades em acompanhar e avaliar as aprendizagens dos alunos, as alfabetizadoras salientam outro desafio que está diretamente relacionada aos dois: o planejamento. Partindo da concepção de que planejar é "[...] definir, passo a passo, o caminho capaz de desenvolver nas crianças as habilidades e conhecimentos para que se tornem alfabetizadas, leitoras e produtoras de texto" (SOARES, 2020, p. 302), percebe-se, nas falas das docentes investigadas, que planejar no ERE foi uma tarefa difícil, posto que para definir "o caminho" a percorrer com as crianças era necessário acompanhar e avaliar. Isto é, para estabelecer um planejamento que contribuísse para o avanço do aprendizado de cada um e de todos, era preciso saber o processo cognitivo de cada criança. Os excertos abaixo corroboram com a análise realizada.

> P2: Aí a partir do momento que tu conhece cada um, tu já sabe como trabalhar, né?
> P1: Eu, normalmente, planejava três, quatro, dava aula e via como eles reagiam aquela, aquele estilo de aula que eu apresentava, e aí fazia as minhas mudanças, estando em aula a gente mudava conforme ia indo e agora não, a gente planeja sem saber como tá rendendo.

Nesta perspectiva, as alfabetizadoras indicam que os seus planejamentos foram construídos sem saber "o caminho", uma vez que elas não conseguiram identificar realmente o que as crianças já sabiam e o que necessitavam aprender. Portanto, não conseguiram planejar intencionando atingir as reais necessidades de aprendizagem dos alunos.

4 Considerações Finais

Teve-se como objetivo neste texto identificar e compreender os desafios enfrentados por duas professoras alfabetizadoras que atuaram, no ano de 2020, em uma escola do campo localizada no município de Santa Vitória do Palmar (RS). Assim, por meio da pesquisa qualitativa, foi possível evidenciar que os principais desafios enfrentados pelas professoras investigadas no que se refere à alfabetização e o letramento foram: o acompanhamento, a avaliação e o planejamento.

Nesse sentido, pode-se compreender, por meio da análise dos dados, que a falta de interação entre as professoras e as crianças no ERE interferiu diretamente em três processos essenciais para que a aprendizagem da língua escrita aconteça. O primeiro se refere ao acompanhamento da aprendizagem, que por ter ficado limitado ao uso de material impresso, sem interação síncrona com os alunos, não permitiu que as docentes pudessem identificar o que os alunos sabiam e o que necessitavam aprender. Em consequência disso, as análises indicam que sem acompanhar os alunos, não foi possível avaliar a aprendizagem e planejar de forma intencional, de acordo com as necessidades das crianças. O que, sem dúvida, fragiliza o processo de aprendizagem.

Referências

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

FERREIRA; C. R. dos S. O ensino remoto na alfabetização no contexto da escola do campo. *In*: V CONBALF: POLÍTICAS, PRÁTICAS E RESISTÊNCIAS, 5., 2021, Florianópolis. **Anais eletrônicos** [...], 2021, p. 1-9. Disponível em: https://eventos.udesc.br/ocs/index.php/V_CBA/ppr/paper/view/922/696. Acesso em: 30 jul. 2022.

FERREIRA, L. H.; BARBOSA, A. Lições de quarentena: limites e possibilidades da atuação docente em época de isolamento social. **Práxis Educativa**, *[S. l.]*, v. 15, p. 1–24, 2020. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.15.15483.076. Disponível em: https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/15483. Acesso em: 15 ago. 2022.

GATTI, B. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas.** Brasília: Liber livro, 2005.

MACEDO, M. S. A. N. (org.). **Retratos da alfabetização na pandemia da COVID-19**: **Resultados de uma pesquisa em Rede**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2022. *E-book* (395p.) color. Disponível em: https://www.dropbox.com/s/1yui7iko11h6h4s/Retratos.pdf?dl=0. Acesso em: 12 dez. 2022.

PICCOLI, L.; SPERRHAKE, R.; ANDRADE, S. dos S. Avaliação da alfabetização no contexto do ensino remoto: uma análise a partir dos grupos focais da pesquisa Alfabetização em Rede. *In*: V CONBALF: POLÍTICAS, PRÁTICAS E RESISTÊNCIAS, 5., 2021, Florianópolis. **Anais eletrônicos** [...], 2021, p. 1-8. Disponível em: https://eventos.udesc.br/ocs/index.php/V_CBA/ppr/paper/view/1255. Acesso em: 28 jul. 2022.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.